

APRENDIZAGEM ATIVA NA ÓTICA DOS DISCENTES

Viviane Maria Rosa de Souza¹

Noeli Aznar Perez²

Silvia Iuan Lozza³

RESUMO

Este artigo apresenta o estudo e a pesquisa acerca da expectativa dos discentes quanto às Metodologias Ativas e inovadoras de ensino e aprendizagem. O trabalho foi elaborado por meio de pesquisa de campo, bibliográfica e entrevista qualitativa. O objetivo consiste em analisar a opinião dos discentes quanto à utilização de Metodologias Ativas, observando a preferência do método de ensino, sem ignorar que cada aluno tem sua maneira de aprender. A análise qualitativa ocorreu por meio de entrevista gravada com alunos do primeiro e do sétimo períodos do Curso de Pedagogia, com cinco perguntas. As respostas foram diferentes, dificultando a análise. O resultado constitui-se da análise e comparação das respostas relatadas. Notou-se a urgência de mais estudos sobre as metodologias utilizadas pelos professores e instituições de ensino e a necessidade dos discentes em aprender de maneira mais dinâmica e ativa, sem receber a informação pronta. Contamos com autores conhecidos na área de educação como: Eric Manzur (2015), Evelise Portilho (2011), José Moran (2018), Willian Bender (2014) e Lira (2016).

Palavras-chave: Tecnologia; Metodologias Ativas; Aprendizagem.

¹ Aluna do 8º período do Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2017-2018). *E-mail*: viviane-75souza@hotmail.com

² Aluna do 6º período do Curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2017-2018). *E-mail*: noeliaznar@gmail.com

³ Professora e coordenadora da FAE Centro Universitário. Coordenadora da pós e doutoranda em Educação. *E-mail*: silvial@fae.edu

INTRODUÇÃO

A educação vem passando por muitas mudanças geradas por desafios significativos que envolvem a tecnologia. Scott e Mota (2010) compartilham opiniões em que a inovação é o conceito pelo qual vem transformando os currículos acadêmicos, trazendo para a sala de aula um novo ensino, alterando o paradigma do modelo tradicional e incluindo os alunos como agentes ativos no processo de aprendizagem.

Esse novo ensino foi alterado pensando na nova geração formada a partir do século XXI que vieram para revolucionar a forma de interação entre as pessoas, concomitantemente com a internet. Como esses discentes são mais imediatistas, os professores estão adaptando os planos de aulas, usando plataformas para aproveitar todas as oportunidades e os conhecimentos que esses discentes têm a oferecer.

O problema principal, em busca de trazer resposta durante esta pesquisa, está relacionado ao fato dos alunos terem dificuldades em entender essas novas metodologias e de assumir papel de protagonistas durante o processo acadêmico.

Contudo, com essa proposta, os discentes poderão aprimorar na faculdade talentos desconhecidos, porém existentes e semidesenvolvidos pela tecnologia. O objetivo final é preparar os aprendizes desenvolvendo a autonomia para futuramente estarem aptos a concorrerem a uma boa vaga no mercado de trabalho, a qual hoje em dia está mais exigente que outrora.

Ao fazer usos de novas tecnologias, o conteúdo a ser discutido em sala de aula deve ser disponibilizado antes dos momentos presenciais, através de páginas eletrônicas especialmente desenhadas para cumprir essa tarefa. Isso significa que estudar antecipadamente contribuirá fortemente para promover uma nova e interessante dinâmica por ocasião dos momentos presenciais de professores e estudantes em sala de aula, tornando possíveis momentos mais produtivos para todos (SCOTT; MOTA, 2010, p. 63).

Diante dessa nova realidade, esta pesquisa tem por finalidade continuar a investigação do artigo científico realizado pelo PAIC 2015/2016, Programa de Apoio à Iniciação Científica, com o tema *Metodologias Ativas: um caminho para inovar as práticas pedagógicas*. Porém dessa vez por outro ângulo, ou seja, pela visão do discente analisando os métodos ativos e mais eficazes para desenvolver a aprendizagem dos nativos digitais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 ENTENDENDO O HISTÓRICO DO AMBIENTE EDUCACIONAL

Na história do ambiente educacional, a Metodologia Tradicional com base nas experiências de Skinner⁴, fundador da Teoria Behaviorista, teve privilégios por muitas décadas e contribuiu para formar grandes profissionais em uma época em que nas universidades o acesso às informações era limitado. Segundo Lira (2016), as pesquisas realizadas pelos discentes fora da sala de aula eram direcionadas por meio do docente e dos acervos de bibliotecas posto que os estudos se restringiam somente a isso.

Até os dias atuais, esse método ainda é muito utilizado pelos professores em diversas universidades. Lira corrobora que:

Para o professor behaviorista, o aluno é uma tábula rasa, não sabe de nada, e suas experiências e vivências de mundo não têm importância. Aqui o professor se coloca como dono da verdade irrefutável, o ditador e transmissor dos conhecimentos que, na maioria das vezes, são sem utilidade ou aplicabilidade social. [...] Apresentando-se como antidemocrático, o behaviorista despreza a relação professor-aluno e preocupa-se, apenas, com os resultados almejados por aquele que detém a força e o poder, no caso, o professor (LIRA, 2016, p. 24).

Esse método auxiliou muitos discentes até o final do século XX, mesmo tendo um papel passivo no aprendizado. Entretanto, com os avanços da globalização e o acesso aos recursos tecnológicos, quebrou-se o paradigma em algumas universidades em que o docente era visto como o fornecedor de informações. Contudo, o acesso às pesquisas e à forma de ensino/aprendizagem dos alunos se expandiu para fora da sala de aula e bibliotecas, tornando-se mais acessíveis aos acadêmicos.

Lira (2016) ressalta que, a partir do século XXI, as universidades recebem indivíduos com estilos de vida totalmente opostos das décadas passadas: mais comunicativos e autônomos. Seguros de si, esses discentes não aceitam qualquer comando no ensino e na aprendizagem, diante disso são mais comunicativos e críticos devido ao acesso à interação que têm com as mídias digitais, uma nova geração totalmente modificada pela revolução tecnológica.

⁴ Em suas experiências com ratos observou que eles, ao receberem determinado estímulo mudavam de comportamento e aprendiam. Esse processo era estimulado pelo reforço, que podia ser positivo (com ofertas de queijo) ou negativo (como deixá-los com fome, mas sem chegar a ser um sofrimento físico), opondo-se, assim à punição [...] O professor que opta por essa prática pedagógica é um treinador (LIRA, 2016, p. 23).

Nascidos a partir de 1991 [...] os “nativos digitais” [...] são especialistas em zapear, daí o Z, sentem-se à vontade mudando de um canal para outro na televisão, indo da internet para o telefone, do telefone para o DVD e novamente para a Internet. Realizam multitarefas naturalmente, é comum ouvirem música, enviar torpedos via celular ao mesmo tempo em que realizam alguma atividade em casa ou no computador. Possuem tolerância zero para demoras, uma forte demanda para o imediatismo e uma baixa tolerância para demoras. Esperam que os serviços estejam disponíveis 24x7 (24 horas por dia, 7 dias por semana) em várias modalidades (Web, telefone, pessoalmente) e que respondam-lhes rápida e qualitativamente (NOVELLI; LEITE; SITTA, 2010, p. 6).

Com a inovação tecnológica foi perceptível a mudança de como a geração se comporta perante à sociedade. Diante dessa nova realidade acadêmica, fez-se necessário adaptar a sala de aula, reformular a grade curricular trazendo a tecnologia a favor do ensino, gerando interação e afetividade entre professor e aluno, quebrando as barreiras do ensino tradicional e tornando o discente como um dos protagonistas no processo de ensino/aprendizagem e na estruturação de seus fundamentos de forma mais dinâmica e participativa (BARTOLOMEU; SILVA; LOZZA, 2017).

Com as mudanças de papéis no ambiente educacional, o diálogo entre o docente e o discente se tornou indispensável na aquisição e construção da aprendizagem. Com isso, o docente adquiriu a possibilidade de se aproximar mais dos alunos, motivando-os a se sentirem parte de suas pesquisas antes de passar os ensinamentos para dentro da sala de aula. Sobretudo ao formar um elo de empatia e afetividade que transpassa o ambiente das instituições, adaptando dessa forma o conceito tradicional.

1.2 TEORIAS BACILARES PARA AS METODOLOGIAS ATIVAS

Na aprendizagem observa-se diferentes conceitos de teorias, deixando claro os valores e as crenças, norteando a maneira de pensar, sentir, agir e interagir. Na literatura e na postura de alguns autores, encontram-se concepções de aprendizagem que valorizam o aluno, a chamada visão apriorística, ou a valorização do professor, a chamada visão empirista, ou ainda a interação do aluno com o professor chamada de visão interacionista.

O paradigma cognitivista mostra que mesmo o sujeito tendo inteligência ou capacidade para aprender, é necessário que o ambiente apresente oportunidades ao desenvolvimento. A concepção cognitivista de aprendizagem abrange a diferença entre adquirir as informações e os conhecimentos, considerando “os protagonistas dos processos de aprender e ensinar como sujeitos inteiros, mas compostos pelas dimensões do pensamento, do sentimento, da ação e da interação” (PORTILHO; BARBOSA 2007 apud PORTILHO, 2011, p. 27).

O paradigma comportamental releva o valor do ambiente estimulador e os resultados provenientes desta condição, ignorando os processos intermediários, tendo como expoentes Ivan Pavlov, John Watson e Burrhus Skinner. A teoria comportamental considera o que o sujeito já sabe e desconsidera as características pessoais, as crenças, os desejos, as ideias e os pensamentos. A doutrina da tábula rasa arraigou-se na vida intelectual sob forma que foi chamada de Modelo Padrão da Ciência Social ou Construcionismo Social.

1.3 A BUSCA POR UMA APRENDIZAGEM MAIS ATIVA

Flexibilidade é o que sintetiza a aprendizagem ativa, os recursos tecnológicos expandiram as formas de ensinar e aprender, fazendo com que os discentes se apropriem e aperfeiçoem seus conhecimentos em qualquer lugar e horário. Para Scott e Mota:

Não somente o conteúdo em si pode ser disponibilizado antes, mas todas as instruções didáticas e sugestões de outras páginas a ser explorado, o que pode ser muito útil para estudantes com necessidades de reforço, via níveis anteriores, ou aqueles mais avançados que demandam conhecimentos mais aprofundados. Indo além do material básico fornecido (SCOTT; MOTA, 2010, p. 63).

À vista disso nota-se que os momentos da sala de aula podem ser desenvolvidos com mais qualidade, dando ênfase a propiciar um ambiente desafiador e vantajoso. Porém, vale frisar que para isso acontecer é primordial a didática e desenvoltura do professor, o qual precisará de mais tempo para planejar e desenvolver a aula, a fim de aproveitar as oportunidades que lhe são oferecidas para ensinar, pois os discentes têm a oportunidade de articular mais, devido o acesso ao material disponibilizado via plataforma digital.

Segundo Scott e Mota (2010, p. 47): “Ao preparar os estudantes para operar em um ambiente centrado na inovação, um elemento-chave é estimular a capacidade de pensar de forma independente”. Para que isso ocorra, foi e estão sendo criadas diversas metodologias ativas centradas na aprendizagem do discente. Para tanto, o docente precisa ter a sensibilidade de perceber o perfil de seus alunos, com o objetivo de aplicar a metodologia mais adequada diante do tema que ele irá apresentar.

Em todas as metodologias ativas, há algo em comum, a aprendizagem construtivista de forma interdisciplinar, que por meio da interação de aluno/aluno propicia a efetivação de hipóteses construídas por meio de debates e discussões em sala. De acordo com Scott e Mota:

Exemplos desse tipo de aprendizagem incluem: apoio afetivo, especialmente importante nas dificuldades durante a aprendizagem e dessa forma o apoio pode

ser mais significativo na medida em que vem de alguém passando pelos mesmos obstáculos; confrontações de desempenhos, em que a aprendizagem é provocada pelas trocas confrontacionais entre os estudantes, tal que cada um pode testar as teorias, ideias e construções dos demais, com a vantagem de que todos compartilham a mesma circunstância educacional e a mesma forma de aprendizagem (SCOTT; MOTA, 2010, p. 78).

Diante disso, faz-se necessário as pesquisas entre grupos de universitários, para que dessa forma o conhecimento possa ser compartilhado e avaliado por todos os integrantes da turma.

2 METODOLOGIAS ATIVAS MAIS UTILIZADAS NAS UNIVERSIDADES

2.1 APRENDIZAGEM BASEADAS EM PROBLEMAS (PBL)

Aprendizagem Baseadas em Problemas (PBL) é uma proposta centrada no discente e no desenvolvimento da autonomia, a qual o desafio é criar hipóteses e testá-las, para chegar à resposta a qual o orientador tanto almeja com a finalidade de dialogar entre os colegas e o docente sobre a sua forma de raciocínio. Barreto *et. al.* (2017, p. 1007) conclui que: “Desta forma, problematizar significa ser capaz de responder ao conflito intrínseco que o problema traz”.

Diante desse desafio dado ao discente, o mestre nessa metodologia, tira o foco da aula expositiva e passa a responsabilidade do tempo da aula ao universitário, que deverá apresentar a proposta no prazo estimado.

A avaliação do professor também é apresentada de forma diferenciada, podendo ser aplicada antes, durante ou após a atividade proposta. Existem três importantes métodos avaliativos mais utilizados nas metodologias ativas: a avaliação diagnóstica, a formativa e a somativa. De acordo com Barreto:

A avaliação diagnóstica tem como objetivo verificar se os discentes possuem os conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens, devendo ser realizada no início do processo. A formativa é a que ocorre ao longo do processo de aprendizagem, seu objetivo é a correção de falhas do processo educacional e a prescrição de medidas alternativas de recuperação dessas falhas, e por fim avaliação somativa ocorre ao final de um processo, com claros objetivos de mensuração de resultados (BARRETO *et. al.*, 2017, p. 1008).

Contrapondo a Metodologia Tradicional, o docente se apresenta nesse método como um observador, o qual no momento oportuno orientará o aluno sobre a melhor forma de como construir e concluir as estratégias.

Conclui-se que essa metodologia tem um caráter transformador, desenvolvendo nos acadêmicos a oportunidade de enxergar possibilidades de criar o novo e dessa forma prepará-los para o mercado de trabalho. Mediante uma sociedade que necessita de profissionais qualificados, com diferenciais dotados de virtudes, capazes de resolver qualquer tipo de problema, além de criar possibilidades de melhoria para o local de trabalho de forma crítica.

2.2 APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS (ABP)

Na busca por um ensino inovador, a metodologia baseada em projetos traz envolvimento com diversos desafios contextualizados em sala de aula, a ABP trabalha com situações complexas do cotidiano e desafia os discentes a pensar de forma crítica para criar ideias com a finalidade de resolver problemas do ambiente de trabalho em curto, médio e longo prazo (BENDER 2014).

Essa ênfase é realizada por equipes a qual cada participante será responsável por um tipo de tarefa específica, porém, todos devem ter a mesma finalidade. Segundo Bender (2014, p. 18) “Os projetos podem ser focados em apenas um sujeito ou podem ser interdisciplinares”. Em outras palavras, um projeto pode ser desenvolvido por várias disciplinas e com o auxílio de diversos mestres, na busca de desenvolver melhores alternativas para a dificuldade a qual os discentes estão envolvidos.

Para a construção de bons projetos, o docente precisa ir além do método tradicional, não apenas explicar o que deve ser feito, mas motivar e desafiar os discentes. Bender conclui que para a efetivação de excelentes projetos o professor precisa:

Assegurar que textos, internet e outros recursos estejam disponíveis na questão motriz escolhida pelos alunos; Apresentar opções para os cronogramas planejados pelos alunos e outros suportes de planejamento de vários aspectos dos artefatos dentro do projeto de ABP (BENDER, 2014, p. 107).

Além do planejamento que o mestre precisa ter é necessário fortalecer com os alunos a ligação de empatia para auxiliá-los a pensar além do que se consegue ver diante da situação problema, pois demandará dias para a finalização do projeto.

Para Bender esse método de ensino tem muitas vantagens e auxilia a desenvolver no aluno a:

Fazer brainstorming sobre as possíveis soluções; Identificar uma série específica de tópicos para ajudar a coletar informações; Dividir responsabilidades sobre o recolhimento de informações; Desenvolver uma linha o tempo para o recolhimento de informações; Pesquisar por informações sobre o problema ou a questão; Sintetizar

os dados coletados; Tomar decisões cooperativamente sobre como prosseguir a partir desse ponto; Determinar quais informações adicionais podem ser essenciais; Desenvolver um produto, ou múltiplos produtos ou artefatos, que permitam que os estudantes comuniquem os resultados de seu trabalho (BENDER, 2014, p.24).

A intenção dessa metodologia é fazer com que os discentes se tornem agentes criativos capazes de criar e encontrar as melhores estratégias para a solução que será conquistada de modo cooperativo e em equipe.

2.3 APRENDIZAGEM BASEADA EM ESTUDO DE CASO

O estudo de caso se difere das demais metodologias, pois exige dos acadêmicos conhecimentos aprofundados ao desafio desenvolvido e aplicado pelo docente à turma. Gil (2009) afirma que é primordial aos alunos fazerem um planejamento de como será investigado o caso proposto, delimitando o problema ao máximo com a finalidade de desenvolver a melhor forma de como obter a coleta de dados.

Gil corrobora que o estudo de caso é:

[...] um estudo em profundidade [...] se difere significativamente de outros delineamentos no que se refere a este item. Nos levantamentos por exemplos, utilizam-se instrumentos padronizados para coleta de dados, como o questionário e a entrevista estruturada, visando facilitar o processo de tabulação e a análise de dados (GIL, 2009, p. 11).

Na maior parte dos casos, envolve concomitantemente, pesquisa quantitativa e qualitativa com o objetivo de validar os dados alcançados e certificar se as hipóteses são ou não autênticas.

Geralmente estes trabalhos envolvendo coletas de dados demoram mais tempo do que o programado, pois poderá haver imprevistos. Precisa ser planejada com antecedência e, ao final, requer dos estudantes flexibilização, paciência e empatia com a finalidade de interpretar as respostas, respeitando as opiniões dos envolvidos, além de terem que desenvolver a criticidade com o objetivo de responder ao problema inicial apresentado.

2.4 APRENDIZAGEM BASEADA EM *PEER INSTRUCTION* (EM PARES)

Ao perceber o receio dos alunos e a dificuldade de entender a matéria de Física, Eric Mazur, professor de Física e Física Aplicada da *Harvard University*, criou o método *Peer Instruction* (traduzindo seria instrução em pares).

Essa metodologia atrai a atenção do aluno criando maior interesse e diminuindo as ausências nas aulas. O método pode ser aplicado em qualquer disciplina obtendo resultado positivo, na maioria das vezes.

O aluno faria um estudo prévio da matéria e o professor administraria a aula instigando-os com questionamentos e debates entre o educando e os demais colegas dentro do tempo de um minuto. Se o índice de acertos for menor que 30% da turma, o professor faria uma explicação sobre o assunto.

Para a *Peer Instruction* ser bem-sucedida, é necessário que o livro e as aulas expositivas desempenhem papéis diferentes dos que costumam exercer em uma disciplina convencional. Primeiro, as tarefas de leitura do livro, realizados antes das aulas, introduzem o material. A seguir, as aulas expositivas elaboram o que foi lido, esclarecem as dificuldades potenciais, aprofundam a compreensão, criam confiança e fornecem exemplos adicionais. Finalmente, o livro serve de referência e guia de estudo (MAZUR, 2015, p. 10).

O método *Peer Instruction* auxilia na compreensão do conceito e não apenas na aplicação da teoria para solucionar o problema. O aluno passa a ter conhecimento para explicar o conceito e a finalidade.

2.5 APRENDIZAGEM BASEADA EM SALA DE AULA INVERTIDA

A metodologia da Sala de Aula Invertida é exatamente o contrário da aula convencional em que a exposição do professor torna-se um monólogo. O aluno caracteriza-se pela passividade, pois ao ouvir o professor falar pode não conseguir prestar a devida atenção e, como consequência, o pensamento é distraído.

Assim, a Sala de Aula Invertida começa por uma leitura prévia feita pelo aluno fora do local de aula. No momento da aula este tira as dúvidas, discute e esclarece os pontos de vista. Com isso:

Alguns conceitos devem ser descobertos de maneira independente, pelo próprio aluno, enquanto outros precisam ser ensinados diretamente ou por um diálogo socrático. Embora diferenças, modelo não constituam a panaceia da educação, esses vídeos nos permitiram explorar melhor diferentes modelos de ensino, mais adequados a nosso aluno (MAZUR 2015, p. 10).

A metodologia de Sala de Aula Invertida traz ao aluno maior interesse pelos ensinamentos.

3 METODOLOGIA

Ao visar ao cumprimento dos objetivos propostos, um estudo empírico do tipo exploratório, permeado de uma investigação de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, análise de dados e resultados, constitui-se na metodologia adotada nessa investigação. A pesquisa bibliográfica será aprofundada e servirá de base para a compreensão do desenvolvimento da fundamentação teórico metodológica do estudo.

Uma pesquisa de campo junto aos discentes do Curso de Pedagogia, de uma instituição particular de ensino superior de Curitiba permitiu retratar a realidade do processo de ensino e as preferências pedagógicas e tecnológicas por meio de entrevistas.

Portanto, a escolha por trabalhar com essa perspectiva, dá-se pela possibilidade de focar o tema dos métodos e o papel na construção das práticas pedagógicas.

A metodologia releva-se na interação verbal, a essência da língua, e é por meio dela que se concatena os sentidos e os significados das atividades pedagógicas para os sujeitos. De acordo com Bakhtin (2003), o pesquisador, ao entrar em contato com o pesquisado, coloca-se no lugar dele e depois retorna ao seu lugar para completar o horizonte dele.

Sendo assim, o pesquisador consegue descortinar, transmutar e criar para o pesquisado um ambiente conclusivo. De acordo com Amorim:

O fundamental é que a pesquisa não realize nenhum tipo de fusão dos dois pontos de vista, mas que mantenha o caráter dialógico, revelando sempre as diferenças e a tensão entre elas. O pesquisador deve fazer intervir sua posição exterior: sua problemática, suas teorias, seus valores, seu contexto sócio-histórico, para revelar do sujeito algo que ele mesmo não pode ver (AMORIM, 2006, p. 100).

Portanto, por meio da direção apontada pelos teóricos, realizou-se a pesquisa em 2015/2016 e, na realização deste trabalho a pesquisa bibliográfica apresentará as aprendizagens ativas, as mais utilizadas e logo após, uma pesquisa de campo junto aos discentes que retratará a realidade do processo de ensino e as preferências pedagógicas e tecnológicas por meio de entrevistas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

No começo do mês de maio de 2018 realizaram-se 20 entrevistas, sendo 10, com o primeiro, e 10 com o penúltimo período de duas turmas de Pedagogia. Para tanto, o registro se deu por meio de um gravador.

Por intermédio da entrevista analisou-se qual o conhecimento que os 20 alunos tiveram a respeito das Metodologias Ativas, os pontos de vista a respeito das estratégias de ensino aplicado pelos docentes e o aprendizado que cada participante adquiriu por meios desses métodos.

As perguntas foram bem específicas como: “Em sua opinião o que deve ser mudado na sala de aula de Pedagogia?” “Você concorda com o uso da tecnologia em sala de aula?” “O que você acha das metodologias adotadas pelos docentes?” “Você concorda com o uso das metodologias ativas em sala de aula na turma de Pedagogia?”

Para os acadêmicos que apresentaram dúvidas com o termo “Metodologias Ativas”, as entrevistadoras deram exemplos de metodologias aplicadas em aula pelos docentes, e que ela(e)s já vivenciaram em sala e dessa forma, toda(o)s as universitária(o)s responderam conforme o esperado.

De acordo com os oito participantes do primeiro período, denominados somente pelas iniciais de seus nomes, sendo eles: A, A, A, C, D, J, R, G, foram a favor do ensino, pois declararam que os métodos são muito inovadores, e que os docentes têm conhecimento avançado sobre a matéria diferenciando do ensino tradicional e favorecendo os trabalhos com uma maior participação. Essa metodologia foi associada pelos discentes com a prática de leitura prévia das matérias e posteriormente discussão em aula. Os discentes a favor desse método concordaram com o uso da tecnologia em sala, sendo indispensável para pesquisas imediatas durante a aula.

Moran concorda que:

Aprendemos também de muitas maneiras, com diversas técnicas e procedimentos, mais ou menos eficazes para conseguir os objetivos desejados. A aprendizagem ativa aumenta a nossa flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-se a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes (MORAN, 2018, p. 03).

Essas estratégias de ensino propiciam diferentes estratégias de passar o conhecimento e tudo dependerá da forma com que o docente deseja aplica-lo.

Dois discentes concordam parcialmente ou não têm conhecimento do que se fala. O discente M foi objetivo quando comentou que não sabia o que era Metodologia Ativa. Após uma breve explicação ele mostrou que já sabia e gostava muito, pois ajuda no entendimento da matéria, sentindo-se mais participante e útil em sala. Quando foi perguntado sobre a estrutura da sala de aula, o discente observou que não há muita acessibilidade para alunos em condições especiais, como exemplo carteira adaptada para cadeirante. Importante ressaltar que o curso de Pedagogia é a segunda graduação deste discente, portanto, não deveria estar com o pensamento de ensino tradicional.

A discente R. relatou a importância de unir aulas mais dinâmicas com a teoria, pois considera que só se aprende se houver teoria ligada a prática. Ela relatou que: “Preciso fazer para conseguir aprender”. A Metodologia tradicional em que o aluno só ouve e recebe a informação pronta tem menos eficácia na turma de Pedagogia do primeiro ano. Outro relato que chamou a atenção diferenciando da resposta dos demais foi em relação à disposição das carteiras em sala de aula, pois ela prefere as carteiras arrumadas em meia lua. Dessa maneira a discente se sente parte do processo de ensino-aprendizagem.

Em comparação com o primeiro ano de Pedagogia, observou-se que, no último período as acadêmicas demonstraram mais clareza sobre o assunto, com uma bagagem de três anos e meio de estudos na instituição, opinaram de forma crítica.

Das 10 entrevistadas, 8 foram a favor das Metodologias Ativas, porém declararam que elas devem ser aplicadas conforme a verdadeira essência. As alunas J, L, R, A, J, F, A, C declararam que de nada adianta o professor falar “Eu sou inovador e aplico Metodologias Ativas”, sendo que as carteiras ainda são enfileiradas, as provas continuam sendo somativas, dando importância somente às notas nos finais de semestres e não ao conhecimento adquirido durante o processo, por meio de discussão, mesa-redonda e pontos de vistas de acordo com autores estudados.

Outro ponto relevante foi a desorganização dos professores de postarem leituras prévias em cima do prazo da aula a ser aplicadas. As discentes A, J, F, e A relataram que “Os professores dizem que somos corresponsáveis por nosso aprendizado, mas eles postam as suas aulas na plataforma digital um ou dois dias antes de começar a aula, isso não é correto, pois toda da nossa turma trabalha”. “Precisamos de mais tempo para nos preparar para a dinâmica a ser aplicada na sala aula, o melhor é com uma semana de antecedência, para que assim possamos nos organizar e ler os devidos textos para as futuras aulas”.

Todas as entrevistadas do último período concordam com o uso das tecnologias em sala de aula. Contudo as acadêmicas J, L e R criticaram que somente os slides são usados em sala e que os docentes devem dar mais importância à internet, para que assim elas possam pesquisar outras fontes.

Duas entrevistadas não foram a favor das Metodologias Ativas. A acadêmica J relatou que aprende melhor com a aula expositiva dialogada, pois consegue anotar tudo o que o professor fala, tornando-se melhor para os estudos em casa e para a prova. A entrevistada M, por sua vez, diz que não se adaptou aos novos métodos porque não conseguiu encontrar tempo para ler os textos e pesquisar o que o professor pede antes das aulas. Tal fato faz com que ela fique perdida nas aulas, sem entender o planejamento do professor, pois para ela não existe um plano B para quem não consegue seguir o planejamento das Metodologias Ativas.

Destaca-se o pensamento de Bartolomeu, Silva e Lozza de que:

Na esfera educativa se faz necessária uma intensa atualização e reformulação dos processos pedagógicos que abordam a atuação do professor. A utilização de Metodologias ativas pode incorporar um recurso atrativo e inovador, facilitando o processo de mudança e adequação facilitadora do aprendizado (BARTOLOMEU; SILVA; LOZZA, 2017, p. 7).

Porém para que isso se efetive, é de suma importância que o docente entenda o perfil de alunos que regem a turma, para que o profissional possa aplicar a melhor estratégia de métodos ativos e com isso obter um resultado mais satisfatório no fim do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do presente estudo foi possível analisar por meio da abordagem bibliográfica e de cunho qualitativo direcionado pelas entrevistas, os impactos positivos e as limitações que as Metodologias Ativas vêm fomentando na construção do aprendizado dos universitários.

As vantagens dessas práticas pedagógicas para os discentes são a de contribuir no desenvolvimento do pensamento crítico, lapidar habilidades sociais e intelectuais, preparando-os desde o primeiro semestre para serem excelentes na área pedagógica, capacitando-os de forma prática e dinâmica com a finalidade de se alcançar uma formação com qualidade.

O mercado de trabalho atualmente está mais concorrido que outrora. O bom mestre é aquele que investe nos alunos, estimulando-os aula após aula, adaptando os planos de aulas inovadores e facilitando o acesso às informações, como as apresentações das pesquisas e aulas futuras por meio de plataformas digitais.

Porém, diante das vantagens que os métodos contemporâneos acarretam na sala de aula, é perceptível analisar por meio do resultado da coleta de dados a necessidade de adaptações em algumas Metodologias Ativas, pois é importante que o docente compreenda o perfil da turma para verificar qual é a melhor estratégia para desenvolver e aplicar em sala de aula, para uma aprendizagem significativa e eficaz.

E para tanto, é de suma importância que o docente tenha empatia, ouça e compreenda os alunos com o objetivo de entender quais são os pontos que ele precisa melhorar na sua prática pedagógica.

Sobretudo, espera-se que esse estudo contribua para a construção de outras pesquisas na educação, em virtude da seriedade que as Metodologias Ativas acarretam na vida dos futuros formandos.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 100.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- BARRETO, A. de O. C. et al. Métodos de avaliação discente em um curso de graduação baseado em metodologias ativas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 1005-1019, jun. 2017. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8745/6579>>. Acesso em: 21 nov. 2017, às 17h 10min.
- BARTOLOMEU, F. T. de; SILVA, da S. Z. H.; LOZZA, I. S. Metodologias ativas: um caminho para inovar as práticas pedagógicas. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAE CENTRO UNIVERSITÁRIO, v. 18, n. 1, 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2017.
- BENDER, W. N. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.
- LIRA, C. B. **Práticas pedagógicas para o século XXI: a sociointeração digital e o humanismo ético**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MAZUR, E. **Peer instruction: a revolução da aprendizagem ativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- MORAN, J.; BACICH, L. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. São Paulo: Penso, 2018.
- NOVELLI, V. A. M.; LEITE, M. C.; SITTA, M. I. U. Baby Boomers, X, Y, e Z. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 2., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.gapcongressos.com.br/eventos/z0070/trabalhos/final_249.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.
- PORTILHO, E. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- SCOTT, D.; MOTA, R. **Educando para a inovação e aprendizagem independente**. São Paulo: Campus, 2010.